

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO REINO DE DEUS – DE MAQUIAVEL A RAUSCHENBUSCH

Me. Evandro R. Rojahn

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO REINO DE DEUS – DE MAQUIAVEL A RAUSCHENBUSCH

History of God's Kingdom Theology - From Machiavelli to Raus-
chenbusch

Me. Evandro R. Rojahn¹

¹ Evandro R. Rojahn é licenciado em Artes Visuais, Letras e Filosofia. É bacharel em Teologia, pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada e Mestre em Teologia com ênfase em Leitura e Ensino da Bíblia. Atualmente é professor, pesquisador e escritor nas áreas de Teologia Bíblica e Filosofia. E-mail: teologiaevandro@gmail.com

RESUMO

O Reino de Deus é um tema complexo. Por isso não pode ser definido simplesmente como um conceito, mas deve ser entendido mais profunda e abrangentemente como uma Teologia do Reino de Deus. A dificuldade em definir o Reino de Deus como um conceito é gritante. Muitos filósofos e teólogos tentaram defini-lo como conceito, mas isso acabou reduzindo sua teologia e suprimindo algumas de suas áreas principais. O Reino de Deus não pode ser apenas uma teoria maquiada com uma retórica impecável, o Reino de Deus deve ter uma definição de acordo com a realidade concreta. Do século XVI ao XIX o Reino de Deus passará a ser entendido dentro de uma realidade mais próxima do sujeito e da sociedade em geral.

Palavras-chave: Reino de Deus. Teologia do Reino de Deus. Reino Subjetivo. Reino Objetivo. Reino Social.

ABSTRACT

The Kingdom of God is a complex subject. It cannot therefore be defined simply as a concept, but must be understood more deeply and broadly as a theology of the kingdom of God. The difficulty in defining God's Kingdom as a concept is stark. Many philosophers and theologians have tried to define it as a concept, but this has reduced their theology and suppressed some of its main areas. The Kingdom of God cannot just be a makeup theory with impeccable rhetoric, the Kingdom of God must have a definition according to concrete reality. From the sixteenth to the nineteenth century the Kingdom of God will be understood within a reality closer to the subject and society at large.

Keywords: Kingdom of God. Theology of the Kingdom of God. Subjective Kingdom. Objective Kingdom. Social Kingdom.

INTRODUÇÃO

Em uma época de instabilidade econômica e civil, Maquiavel apresenta uma obra política imbuída de um realismo cruel. Maquiavel não apela para a imaginação a fim de construir uma política de um mundo perfeito, ele parte da realidade efetiva. Para Maquiavel só vale na política aquilo que é realmente funcional a partir da realidade concreta. Nada de mundos imaginários. Nada de sonhar com um Reino Perfeito. A visão negativa que Maquiavel tem da política e da religião o encaminham para a própria realidade concreta. Ao criticar os Reinos Imaginários, Maquiavel irá demonstrar que apenas a realidade é importante. Os Reinos imaginários, aos quais Maquiavel se refere, seriam a República de Platão e o Reino de Deus proclamado por Jesus. Na época de Maquiavel, a igreja se entendia como o Reino de Deus na terra. Logo ficará evidente a quem sua filosofia se dirige.

René Descartes apresentará em seu Discurso do Método aquela fé na ciência que hoje se conhece melhor que na sua época. A sugestão de Descartes é dominar pela ciência as leis da natureza e por este meio criar tecnologias e conveniências a fim de superar as deficiências da humanidade. Basicamente, esse projeto de Descartes supõe que a ciência ao dominar as leis da natureza torna-se capaz de criar o paraíso terrestre, no qual não haverá mais sofrimento algum e talvez a morte seja superada também. Thomas Hobbes também traz consigo uma possibilidade para o Reino de Deus ser entendido melhor. Para Hobbes o Reino de Deus é um Reino Civil na terra. Apesar de Hobbes tentar justificar seu ponto de vista como algo neutro, fica cada vez mais claro que o Leviatã é uma obra altamente tendenciosa. A igreja que arrogava ser o Reino de Deus na terra estava causando a guerra civil. Hobbes se propõe a consertar as coisas. Seu propósito é tentar provar que o soberano civil é o único com poderes plenos sobre o Estado, a igreja e da própria interpretação da Bíblia.

Immanuel Kant também empregará o conceito de Reino de Deus em sua filosofia, mas de forma reduzida. Para os “filósofos da luz” tudo deve ser explicado pela razão e aquilo que não o puder será relegado ao campo dos mitos e lendas. Mas a maioria destes filósofos pelo menos (ainda que lá no fundo da alma) respeitava de certa forma o cristianismo, talvez porque a maioria predominante do “vulgo” fosse cristão. Atacar abertamente o cristianismo não era uma boa ideia. Kant constrói uma filosofia crítica e abrangente. Ele aborda diversos temas próprios da filosofia. Mas a razão e o conhecimento em si sempre foi e sempre será incapaz de provar a existência de certas coisas. A existência de Deus para Kant será necessária para que haja um fundamento da moral. Assim, o Reino de Deus passa a ser o Reino Moral. Deus e a religião são relegados ao campo da moral.

O Romantismo foi um movimento de oposição ao uso excessivo da razão que torna o homem frio e apático. Nesse momento Friederich Schleiermacher defende a existência do Reino de Deus de forma romântica, Deus e seu Reino podem ser intuídos pela alma. A alma conhece a Deus, visto que, para os iluministas Deus foi relegado ao campo da moral, Schleiermacher traz o Reino novamente para o alcance do indivíduo, dentro de si mesmo. Assim, o Reino de Deus passa a ser algo subjetivo. Essa subjetividade será uma boa resposta ao iluminismo, contudo, a longo prazo é, talvez um obstáculo ainda pior que a frieza e a apatia da razão. Georg Wilhelm Friedrich Hegel abordará o Reino de Deus, porém, de forma completamente alheia as Escrituras. O problema dos esquemas racionais é justamente a limitação da razão. Cada esquema demanda a justificação de alguns artigos da razão enquanto obrigatoriamente minimiza, simplifica e exclui outros.

Albrecht Ritschl também segue uma linha teológica subjetiva, mas nem tão subjetiva como Schleiermacher. Ritschl acredita que a teologia deve ser baseada na revelação da vontade de Deus. A vontade de Deus é o estabelecimento do Reino. A

perspectiva de Ritschl apontará para um Reino de Deus religioso e ético. Basicamente, o Reino de Deus é estabelecido pelo fato de o indivíduo ser cristão. Significa que ser cristão é ajudar no estabelecimento do Reino de Deus. Assim, o Reino de Deus passa a ser espiritual, individual, porém, o Reino é esvaziado de sua escatologia. Se ser cristão já é estabelecer o Reino, logo não há mais nada a se esperar do futuro. Adolf Von Harnack também esvazia o Reino de Deus de qualquer evidência escatológica. Trata-se de um Reino no interior do indivíduo e, portanto, subjetivo. Walter Rauschenbusch vai direcionar o conteúdo do Reino de Deus em direção às transformações sociais de sua época. Por isso, Rauschenbusch se tornará conhecido como um dos inspiradores do Movimento do Evangelho Social.

1. MAQUIAVEL – CONTRA OS REINOS IMAGINÁRIOS

Nicolau Maquiavel (Niccolau Machiavelli, 1496-1527) deu início a uma nova era de investigação política. Duas coisas em Maquiavel são dignas de destaque; seu realismo político e a “virtude” desvirtuada do Príncipe.² Maquiavel nasceu em Florença na época do domínio dos Médicis. Sua obra principal, O Príncipe, é dirigida a Lorenzo de Médici, o Magnífico.³ A “virtude” do Príncipe de Maquiavel nada tem a ver com a virtude cristã. A virtude em Maquiavel é vigor, saúde, astúcia e energia, capacidade de prever, planejar e constranger.⁴

A abordagem mais significativa de Maquiavel (para o objetivo desta obra) é seu realismo político. Trata-se de um tipo de manifesto contra os “Reinos Imaginários”. A imagem que Maquiavel tinha dos clérigos em Florença não era das melhores. Era

² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990, vol. 2, p. 127.

³ MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 3.

⁴ REALE; ANTISERI, 1990, vol. 2, p. 130.

uma época em que a hipocrisia política passara de escândalo à arte.⁵ Isso fortaleceu sua concepção política oposta ao cristianismo⁶ que ele conhecia. No capítulo XV de sua obra principal, “O Príncipe”, Maquiavel apresenta seu intento, a saber, escrever algo útil para o leitor, isto é, algo real de acordo com a verdade efetiva das coisas. Maquiavel critica aqueles que imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e nem se soube se existiram realmente. Segundo Maquiavel, o Príncipe deve viver de acordo com a verdade efetiva, isto é, a realidade das coisas em vez de lamentar porque as coisas não são como deveriam ser. Assim, Maquiavel segue deixando de lado as coisas imaginadas acerca de um Príncipe e discorre sobre as coisas verdadeiras.⁷

A ideia de Maquiavel é desconstruir completamente aqueles reinos imaginários. Basicamente, “O Príncipe” de Maquiavel é o manual pelo qual se desaprende “A República” de Platão.⁸ Segundo Maquiavel, um reino imaginário não pode subsistir diante dos reinos efetivos, logo irá à ruína dentre tantos que não são bons.⁹ Se seguir a linha de pensamento de Maquiavel, na Bíblia, Jesus Cristo afirma ser Rei de um Reino que “não é deste mundo”.¹⁰ Se concordar com a opinião de Maquiavel, se passará a crer que o problema de Jesus é que, embora ele se tenha arruinado, dessa ruína nasceu uma religião que se concentra exclusivamente num reino imaginário e, assim, desvia os homens, inclusive os príncipes da “verdade efetiva”.¹¹ Como o propósito da exegese de Maquiavel é puramente político, ele irá contrapor a bondade, humildade e outras virtudes cristãs¹² à virtude

⁵ HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. **Política da Bíblia**: as raízes do método histórico-crítico e a secularização da Escritura (1300-1700). Tradução de Giovanna Louise. São Paulo: Ecclesiae, 2018, p. 157.

⁶ GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 447.

⁷ MAQUIAVEL, 2010, p. 75.

⁸ HAHN; WIKER, 2018, p. 172.

⁹ MAQUIAVEL, 2010, p. 75.

¹⁰ João 18.36.

¹¹ HAHN; WIKER, 2018, p. 172.

¹² MAQUIAVEL, 2010, p. 76.

desvirtuada do Príncipe que tudo faz para manter seu estado de poder. Para Maquiavel as virtudes da moralidade cristã enfraquecem o homem e fazem com que os reinos sejam arruinados. Se o Príncipe realmente quer se manter no controle do Estado, esse tal deve aprender a “não ser bom”¹³ ou, pelo menos, a aprender a usar a bondade e humildade como instrumento político para controlar as massas.

2. DESCARTES – O ÉDEN TERRENO

René Descartes¹⁴ (1596-1650)¹⁵ é conhecido¹⁶ pelo seu racionalismo¹⁷ e reconhecido como o pai da filosofia moderna.¹⁸ Descartes desenvolveu uma filosofia dualista, na qual o mundo existente é composto por duas substâncias básicas: matéria e espírito. A matéria, a qual pertence nosso corpo, é a essência do mundo físico e o espírito é a essência da vida consciente e da racionalidade. O espírito está unido e interage com o corpo, mas pode existir sem o corpo. Para Descartes nada deve ser aceito como certo, a não ser somente o que está livre de toda dúvida. O ato de pensar pressupõe a existência do ser pensante, disso decorre a famosa sentença: “*penso, logo existo*”. Essa certeza serve de base para Descartes provar a existência de Deus, da alma e do mundo físico.

Para Descartes a existência de Deus pode ser provada por meio da evidência de uma ideia inata. A certeza de que existe um ser perfeito não poderia ser criada por um ser imperfeito, logo, a ideia de Deus é inata e foi posta no ser pensante pelo próprio Deus.¹⁹ A certeza da existência de Deus dá a Descartes a certeza da existência do mundo físico e a possibilidade de co-

¹³ HAHN; WIKER, 2018 p. 173.

¹⁴ LOPES, 2013, p. 183.

¹⁵ GONZÁLEZ, 2008, p. 215.

¹⁶ BROWN, 2007, p. 46.

¹⁷ SAYÃO, 2001, p. 36.

¹⁸ REALE; ANTISERI, 1990, p. 351.

¹⁹ GONZÁLEZ, 2008, p. 216.

nhecer suas propriedades físicas. Exatamente essa possibilidade de conhecer as propriedades físicas, isto é, as leis da natureza é que levará Descartes a uma convicção pretensiosamente torcida do Reino de Deus.

Na sexta parte do *Discurso do Método*, Descartes declara ter adquirido algumas noções da Física, que, segundo ele, o fizeram crer que esses conhecimentos poderiam ser úteis à vida. Para Descartes, conhecendo as forças do fogo, da água, do ar, dos céus e de todos os outros corpos, tais conhecimentos poderiam ser empregados em todos os usos e, assim, tornar-se senhores e possuidores da natureza. Tais conhecimentos das leis da natureza seriam, não só, para a invenção de uma infinidade de artifícios, que permitam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e toda as comodidades.²⁰ A física de Descartes parece pretensiosamente tentar revogar a maldição do Gênesis e levar a humanidade a um novo Éden Terreno em vez do Paraíso Celestial,²¹ isto é, o Reino de Deus.

A promessa pretensa de Descartes visa eliminar a maldição do solo e, portanto, da labuta, dos espinhos e abrolhos, do suor do rosto e, talvez, a maldição da morte (Gn 3.17-19). Basicamente, Descartes promete uma versão secularizada de salvação que encontra sua realização não em Cristo, mas em um reino deste mundo.²² Para Descartes, é a ciência e não a revelação bíblica que pode propiciar uma libertação real e mundana do sofrimento, em um paraíso terreno, mediante o domínio da natureza. Essa visão mecânica da natureza e seu objetivo técnico, fornecem um substituto secular para o Reino de Deus.²³

Talvez a intenção de Descartes fosse realmente de facilitar a vida do homem aqui, de aliviar a dor cotidiana, do trabalho, do sofrimento e da morte. O problema é seu ceticismo com relação

²⁰ DESCARTES, René. *Discurso do Método*: coleção pensadores. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 71.

²¹ HAHN; WIKER, 2018, p. 355.

²² HAHN; WIKER, 2018, p. 355.

²³ HAHN; WIKER, 2018, p. 359.

à Bíblia²⁴ que torna sua visão secularizada. A maldição apresentada no Gênesis, que traz à humanidade grande sofrimento, não pode ser revogada por meios humanos, Deus é o único capaz de tal coisa, e o fará futuramente quando estabelecer seu Reino plenamente. No Novo Céu e Nova Terra²⁵ é que os sofrimentos gerados pela maldição do Gênesis serão absolutamente revogados. Tentar alcançar essa benesse por meios alheios à verdade revelada não é boa intenção ou ingenuidade, mas ceticismo puro e oposição pura a verdade, revelados em uma visão secularizada do Reino de Deus.

3. HOBBS – REINO MATERIAL

Thomas Hobbes (1588-1679) nasceu na cidade de Westport,²⁶ Inglaterra. Era filho de um vigário inculto e violento. Por isso, foi educado pelo tio. Estudou em Oxford e após se formar, tornou-se preceptor. Era profundo conhecedor do latim e do grego. Publicou diversas obras, mas a mais famosa de Hobbes e mais relevante para este tema é “Leviatã”, publicada em 1651.²⁷ O Leviatã é um tratado sobre política ou, Filosofia Civil. É nessa obra que pode ser encontrado o cerne do pensamento político de Hobbes. É também no “Leviatã” que serão analisadas as observações de Hobbes sobre a Política Cristã, sobre o Poder Eclesiástico e, mais importante, sobre o Reino de Deus. Evidentemente Hobbes trará contribuições excelentes para a compreensão de alguns pontos do conceito de Reino de Deus. Sua concepção de Reino é Civil, isto é, um Reino Civil literal de Cristo, que ele chama de Reino Civil de Israel e, mais tarde de Reino da Glória, se referindo ao Reino de Deus que será estabelecido por Cristo na sua segunda vinda.

²⁴ Descartes rejeita visões alheias a razão, tais como milagres por exemplo.

²⁵ Apocalipse 21.4.

²⁶ HOBBS, Thomas. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 509.

²⁷ REALE, 1990, p. 483.

Thomas Hobbes dá atenção significativa ao conceito de Reino de Deus tendo em mente o propósito civil deste Reino. A fim de prevenir que o Estado regrida ao Estado de Natureza²⁸, é necessário que os indivíduos tenham conhecimento da Lei e esse conhecimento da Lei²⁹ depende do conhecimento sobre o Poder Soberano. Segundo Hobbes, o termo “Reino” é empregado metaforicamente na maioria das conversações (Ex. Reino animal, vegetal etc.). O uso correto de Reino se aplica somente àqueles que governam seus súditos por suas palavras, prometendo recompensas aos que obedecem a punições aos que não obedecem. Deus governa sobre toda a existência,³⁰ contudo, segundo Hobbes, corpos inanimados e criaturas irracionais (e ateus) não são súditos do Reino de Deus porque não compreendem os preceitos dele. Os súditos do Reino de Deus são aqueles que acreditam na existência de um Deus que governa o mundo e que ofereceu preceitos e propôs recompensas e punições à humanidade. Todos aqueles que não reconhecem o governo de Deus são inimigos dele.³¹

O Reino de Deus é dual, segundo Hobbes; natural e profético. No âmbito natural Deus governa toda a humanidade por meio dos ditames da razão. No âmbito profético Deus escolhe uma nação particular e, então, governa somente esse povo por meio da razão natural e de leis positivas entregues por meio de profetas. Hobbes declara que Deus Reina sobre todos por direito natural.³² O direito natural de Deus governar deriva de sua onipotência, isto é, seu poder absoluto. Aquele que tem poder

²⁸ O Estado de Natureza possui diferenças de acordo com a concepção filosófica e política do filósofo. O Estado de Natureza foi apresentado também por John Locke e Jean Jaques Rousseau. O Estado de Natureza é um estado civil pré-comunitário. É um estado de anarquia, de guerra de todos contra todos, pois, não há respeito a propriedade privada e a vida em si.

²⁹ Deveres civis.

³⁰ Hobbes deduz isto a partir de uma leitura particular dos salmos 96 e 98.

³¹ MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesástico e civil*. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2015, p. 315.

³² Pelo direito natural todos têm direito a tudo. Para que não haja anarquia, um soberano deve ser eleito para estabelecer os limites dos demais.

absoluto pode naturalmente governar todos de acordo com seu discernimento. Assim, Deus naturalmente Reina sobre todos. Deus é o único com poder absoluto para recompensar uns e punir outros. De acordo com Hobbes, Deus não governa naturalmente por ser criador ou gracioso, antes, tudo governa por seu poder absoluto.³³

Para Hobbes todos os autores da Bíblia estão interligados em torno de um único e mesmo objetivo: a aplicação dos Direitos do Reino de Deus, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Para justificar essa tese, Hobbes apresenta um esquema geral do Reino de Deus por toda a Bíblia. Gênesis indica a história da criação até a ida para o Egito. No restante do Pentateuco Moisés descreve a escolha de Deus como Rei e as leis que ele prescreve para o seu Governo. Os livros históricos, de Josué a Samuel, descrevem as ações do povo de Deus e sua rejeição do Reino de Deus. O restante do Antigo Testamento descreve a linhagem de Davi até o cativoiro.³⁴ Hobbes acredita que Israel rejeitou o Reino de Deus dando preferência ao ser como as demais nações e, por isso, os livros proféticos anunciavam a restauração do Reino de Deus que seria levada a efeito por Jesus como é apresentado nos evangelhos.³⁵

O que é o Reino de Deus? Hobbes apresenta uma definição própria do Reino de Deus que, segundo ele, é mais adequada, pois os teólogos, afirma Hobbes, erraram ao interpretar o Reino de Deus metaforicamente,³⁶ ignorando seu sentido literal. Para Hobbes, o Reino de Deus é um Reino propriamente dito, isto é, um Reino literalmente. Hobbes afirma que Deus foi escolhido Rei pelos votos do povo de Israel por meio do pacto que fizeram com ele no qual lhes foi prometida a posse da terra de Canaã.³⁷ Segundo Hobbes, Deus reinou desde sempre sobre toda

³³ HOBBS, 2002, p. 259.

³⁴ Dois cativoiros. O primeiro em 722 a.C. e o segundo em 586 a.C.

³⁵ MALMESBURY, 2015, p. 341.

³⁶ Hobbes aponta que alguns teólogos interpretaram o Reino como felicidade eterna e santificação (MALMESBURY, 2015, p. 359).

³⁷ MALMESBURY, 2015, p. 359.

a humanidade, teve, porém, súditos especiais. Deus reinou sobre Adão por meio de sua palavra diretamente. Adão desobedeceu e foi punido pelo afastamento da vida eterna e sua posteridade foi castigada com o dilúvio, do qual sobreviveram oito pessoas, nas quais estava o Reino de Deus. Após isso, Deus faz um pacto com Abraão, no qual Deus seria o Soberano sobre seus descendentes. Mesmo não sendo ditas literalmente as palavras Rei ou Reino, Deus, mais tarde no monte Sinai, ao reafirmar sua soberania sobre Israel, os chama de Reino Sacerdotal e Propriedade Particular. Assim, Deus declara ser o Rei de Israel.³⁸

A partir de alguns pontos centrais no texto de Êxodo 19.5,³⁹ Hobbes infere que o Reino de Deus significa propriamente um Estado Instituído para o Governo civil.⁴⁰ Hobbes observa a condicionalidade do pacto nas palavras “se diligentemente ouvir e guardar as minhas palavras” e entende que esse pacto era mútuo, isto é, o povo obedece às leis de Deus e torna-se a propriedade particular de Deus. Sendo toda a terra pertencente a Deus, Israel seria eleita para serviços especiais, isto é, separada das demais nações para um fim mais nobre, um serviço santo. Israel pertence a Deus de uma maneira especial. Hobbes defende que todas as nações são governadas pelo poder absoluto de Deus, mas Israel seria governada por seu próprio consentimento. Isso é reforçado pelas palavras seguintes: Reino Sacerdotal e Nação Santa.⁴¹ Para Hobbes toda a terra pertence a Deus por direito geral, mas Israel pertence a Deus por direito especial. Assim, o Reino de Deus, para Hobbes, é um Estado Civil literal.⁴² Basicamente, a nação de Israel era o Reino de Deus.⁴³

³⁸ HOBBS, 2002, p. 295.

³⁹ Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha (Êx 19.5).

⁴⁰ HOBBS, 2002, p. 297.

⁴¹ Êxodo 19.6.

⁴² A partir de uma leitura de 1 Samuel 8.7 e 12.12, Hobbes conclui que Deus era Rei e governava o Estado Civil da Nação de Israel.

⁴³ MALMESBURY, 2015, p. 362.

Hobbes também defende a ideia de restituição do Reino de Deus. Após os israelitas rejeitarem o Reino Civil de Deus, os profetas passaram a predizer a restituição deste Reino na Terra. Um Reino Civil cuja sede será em Sião.⁴⁴ Segundo Hobbes, o Reino de Deus era entendido como Terreno e Civil nos dois testamentos. O Reino de Deus é um Reino Real e não uma metáfora. A oração do Pai Nosso, na qual está a petição pela vinda do Reino diz respeito ao Reino de Deus que será restaurado no futuro.⁴⁵ Seria desnecessário fazer tal petição se o Reino Civil de Israel tivesse continuado. Basicamente, o Reino de Deus é um Reino Civil que consiste em obedecer as leis de Moisés que deveriam ter sido ensinadas e ministradas ao povo e, após o Reino ter sido banido pela eleição de Saul, os profetas predisseram a sua restauração e se menciona a petição do Pai Nosso (Venha o Teu Reino) no intuito de que este Reino seja restaurado.⁴⁶ No futuro, quando o Reino de Deus estiver sobre a Terra, após a ressurreição, este Reino estará rodeado pelos inimigos de Deus,⁴⁷ pois, Hobbes entende que a segunda morte, o inferno e os tormentos são apenas metáforas de sofrimento físico.

Hobbes faz uma distinção característica entre Reino de Deus, Reino da Graça, Reino da Glória e Reino do Céu. O Reino de Deus é o Reino Civil e terreno que será foi interrompido, banido e será restaurado no futuro por Cristo. O Reino da Graça consiste em abraçar o Evangelho, isto é, prometer obediência ao Governo de Deus. Quando Cristo vier em Majestade, reinará e seu Reino será um Reino de Glória. O Reino do Céu é o mesmo que Reino de Deus, mas é, às vezes, assim chamado por causa da Altura do Trono.⁴⁸

⁴⁴ Isso Hobbes infere de passagens literais como Isaías 24.23 e Miquéias 4.7.

⁴⁵ As passagens usadas por Hobbes são Lucas 1.32-33 e Atos 17.7.

⁴⁶ HOBBS, 2002, p. 298.

⁴⁷ Estes inimigos são aqueles que foram condenados para a segunda morte, ou morte eterna. Serão governados por governantes maus e cruéis e sofrerão ao ver o povo de Deus sendo governado por Deus. MALMESBURY, 2015, p. 400.

⁴⁸ MALMESBURY, 2015, p. 364.

Segundo Hobbes, o primeiro a fazer parte do Reino de Deus por pacto foi Abraão. O pacto que Abraão fez com Deus consistia em obedecer aos sonhos e visões que Deus lhe mostrasse e depois transmitir à sua família e aos seus seguidores. Hobbes ainda observa três características do pacto entre Abraão e Deus e que, descrevem o governo de Deus. Primeiramente, Deus falou apenas com Abraão. Assim, todos os demais receberiam a palavra de Deus por meio de Abraão. Isso implica que, sendo Abraão o Soberano Civil e detentor da palavra de Deus, logo poderia punir qualquer indivíduo que lhe contrariasse. Em segundo lugar, Abraão estaria sendo justo quando punisse os contradizentes. Isso implica que, o Soberano Civil, o governante do estado, assim como Abraão, tem todo o direito de punir aqueles que lhe contradizem. Em terceiro lugar, Abraão era o único capaz de interpretar as palavras de Deus. Assim como Abraão, o Soberano Civil também é o único capaz de interpretar as palavras de Deus.⁴⁹ De acordo com Hobbes, o pacto feito entre Deus e Abraão foi renovado mais tarde com Isaque, Jacó, Moisés, de forma que, os israelitas se tornaram o Reino Especial de Deus.

Moisés, afirma Hobbes, não tinha direito de governar os israelitas como sucessor de Abraão, pois não poderia provar a herança de seu pacto. A obediência do povo dependeria apenas da mera opinião que o povo tinha de sua santidade, conferências com Deus e da veracidade de seus milagres. Assim, o povo poderia mudar de opinião e não mais obedecer a Moisés. Em Êxodo 20.18, o povo viu os milagres e ficou temeroso de falar diretamente com Deus. A partir daí aceitou as palavras de Moisés como sendo palavras de Deus. Moisés, com isso, passa a ser o representante da pessoa de Deus aos israelitas. Moisés, então, torna-se o soberano fundador do Estado civil de Israel.⁵⁰ Todos os

⁴⁹ Deve-se ter em mente que Hobbes é defensor do Estado Absolutista, no qual o soberano civil detém o poder. Aqui é possível perceber até onde vai a ideologia hobbesiana que pretendia com isso, tirar a interpretação bíblica da mão dos papas e transferi-la ao soberano civil.

⁵⁰ MALMESBURY, 2015, p. 404.

religiosos que desafiaram o soberano Moisés foram julgados por Deus, pois Moisés era o único que tinha poder para governar.⁵¹

Hobbes observa que a missão de Jesus era tríplice: Redentor, Mestre e Rei. Essa tripla função é exposta em três períodos. Como Redentor, Jesus trabalhou para a nossa salvação em sua primeira vinda. Ele deu sua vida pelo resgate da humanidade em seu sacrifício na cruz. Como mestre, Jesus instituiu o batismo para a ministração da salvação desde sua vinda até o seu retorno, isto é, sua segunda vinda. Atualmente o sacramento pelo batismo e os cuidados da religião em si estão nas mãos dos seus súditos, já salvos por ele. Como Rei, ele retornará e instituirá seu Reino eterno. O propósito maior da vinda de Cristo foi restaurar o pacto pelo Reino de Deus por meio de uma nova aliança. Em suma, a primeira vinda de Cristo visava restaurar esse pacto pelo Reino de Deus, se apresentar como o Messias e dar a vida em resgate daqueles que serão os súditos do seu Reino Vindouro quando ele retornar em majestade. Segundo Hobbes, esse Reino começará apenas após a ressurreição dos mortos e será exercido por Cristo em sua natureza humana e não divina.⁵² Cristo dará aos seus súditos o direito de comer da árvore da vida para a imortalidade.

O Governo de Cristo, segundo Hobbes, será regido por Jesus. Assim, Jesus será o “Vice Regente” de Deus, como fora Moisés no deserto. E, assim, como Moisés escolheu doze príncipes das tribos para governar com ele, Jesus escolheu doze apóstolos para se sentar em doze tronos e julgar as tribos de Israel. Moisés autorizou setenta anciãos que profetizassem para o acampamento. Jesus enviou setenta discípulos que pregassem a chegada do Reino de Deus.⁵³ Hobbes aponta a semelhança nos

⁵¹ Claramente se vê a tendenciosidade do filósofo novamente. “Disso, nós podemos concluir que todo aquele que detém o lugar de Moisés em um Estado Cristão é o único mensageiro de Deus e intérprete de seus mandamentos” (MALMESBURY, 2015, p. 404).

⁵² MALMESBURY, 2015, p. 427.

⁵³ HOBBS, 2002, p. 352.

“sacramentos”⁵⁴ de admissão no Reino de Deus. No Israel mosaico, o sacramento de admissão era a circuncisão. Em Cristo o sacramento de admissão é o batismo. Para Hobbes, o batismo cristão talvez tenha origem nos atos mosaicos de purificação da lepra. O leproso ao ser purificado deveria ser limpo com água. Também os gregos tinham por hábito lavar o recém-nascido das impurezas da natividade.⁵⁵ Assim, o batismo é entendido como um renascimento.⁵⁶

O tempo entre a Ascensão de Cristo e a Ressurreição geral não é chamado de Reino, mas de Regeneração. Segundo Hobbes, esse não é o tempo do Reino literal, no qual Cristo Governa pessoalmente empregando coerção e punição. Esse é o tempo de preparação dos homens para a segunda Vinda de Cristo em Glória e Majestade. Nesse momento, os ministros de Deus não governam pela coerção e sim pela persuasão dos homens. Por isso, Jesus chamou os apóstolos de “pescadores” de homens e não de caçadores, como Ninrode. Não se obriga por coerção que os indivíduos se submetam ao Reino de Deus. Os ministros não atuam como comandantes e, sim, como professores, proclamando e ensinando como ser admitido e preparado para o Reino de Deus.⁵⁷

Hobbes aponta as três delegações dos Ministros do Reino de Deus, a saber: Pregar, Ensinar e Batizar. Os ministros de Cristo foram enviados por ele primeiramente a pregar, sito é, anunciar publicamente um edito do Rei. O papel do pregador é tornar pública a proclamação do Rei. E a proclamação do Rei é a chegada do Reino de Deus, para o qual os homens devem se arrepender dos pecados. A segunda delegação é o Ensino.⁵⁸

⁵⁴ Hobbes menciona o “Comer o Cordeiro Pascal” como celebração análoga a Ceia do Senhor na qual se comemora a libertação da escravidão do Egito.

⁵⁵ MALMESBURY, 2015, p. 429.

⁵⁶ Por mais que sejam insights interessantes, nem de longe o assunto do batismo se dá por encerrado.

⁵⁷ MALMESBURY, 2015, p. 435.

⁵⁸ HOBBS, 2002, p. 362.

Embora Hobbes cometa o erro comum⁵⁹ de confundir a pregação com o ensino, pensando que os dois são apenas uma e a mesma coisa. A terceira delegação é o batismo. Os ministros de Deus devem batizar os novos convertidos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a fim de admiti-los como novos súditos do Reino de Deus.

Tendo sempre em mente seu propósito, que é, prevenir a combater qualquer guerra civil,⁶⁰ Hobbes passa a dissertar sobre uma dificuldade que, segundo ele, foi pretexto de sedições e não foi ainda suficientemente resolvida.⁶¹ A quem deve-se obedecer? A Deus ou aos homens quando seus comandos são contraditórios? Quando as ordens do soberano contradizem as ordens de Deus, a quem devemos obedecer? Evidentemente os cristãos sabem que devem obediência a Deus. Hobbes quer, com isso, instigar a desconfiança do poder papal. Hobbes observa: quando os homens recebem ordens em nome de Deus, não sabem se a ordem é de Deus ou daquele que fala em nome de Deus.⁶² E se aquele que fala em nome de Deus estiver cometendo um abuso do nome de Deus em prol de um interesse particular?⁶³

Hobbes acredita que, para aqueles que têm discernimento⁶⁴ entre o que é necessário e aquilo que não é necessário para ser admitido no Reino de Deus, não há nenhuma dificuldade em saber a quem se deve obediência. Hobbes apela para os textos bíblicos convenientes a sua perspectiva política para afirmar que, se o mandamento do soberano não é obstáculo para a aquisição da vida eterna, então, não há motivo para não obedecer

⁵⁹ Preguar é *kerusso* (ser um arauto) e ensinar é *didasko* (ser professor). Trata-se evidentemente de duas coisas diferentes. Normalmente se entende que pregar é para os descrentes e ensinar é para os crentes. Preguar é chamar a atenção de todos para a vontade de Deus e seu Reino. Ensinar é educar os cristãos a fim de firmá-los na fé.

⁶⁰ MALMESBURRY, 2015, p. 505.

⁶¹ É evidente que, Hobbes como um “bom filósofo” vai apresentar a cura. A maioria dos estudiosos e filósofos sempre alegou que o mundo estava errado, que as pessoas não eram felizes e, em seguida, cria um sistema filosófico, muitas vezes ideológico, e apresenta-o como sendo a cura definitiva.

⁶² HOBBS, 2002, p. 420.

⁶³ MALMESBURRY, 2015, p. 505.

⁶⁴ Hobbes emprega aqui o uso da retórica da demagogia.

ao soberano. Não fugindo do seu propósito, Hobbes afirma que para evitar punições do soberano nesta vida e as punições de Deus na vida vindoura, o indivíduo deve ter fé em Cristo e obedecer às leis do soberano. Isso, segundo Hobbes, é tudo que é necessário à salvação.⁶⁵

Primeiramente, segundo Hobbes, Deus toma o esforço pelo ato.⁶⁶ A vontade é equivalente ao ato. Assim, o indivíduo deve se esforçar amando o próximo e obedecendo os artigos da fé. Em seguida, Hobbes aponta quais leis devem ser obedecidas. As leis dadas a Moisés para os Judeus eram temporais e locais e não foram transferidas para os cristãos. Jesus também não nos deu novas leis, apenas conselhos para observarmos as leis naturais e as leis do soberano. Enfim, a conclusão de Hobbes é que, as leis de Deus são as leis naturais. As leis naturais são as leis ditas pelo soberano. A bíblia é conselheira e não lei.⁶⁷ Logo se busca na bíblia os conselhos para a vida eterna, mas firma-se na lei do soberano. O soberano civil é o pastor supremo.⁶⁸

O único artigo da fé realmente necessário para a admissão do indivíduo no Reino de Deus é “Jesus é o Cristo”.⁶⁹ Esse é o fundamento da fé e todo aquele que detém o fundamento está salvo. Sendo assim, toda a obediência necessária consiste na vontade de obedecer a lei de Deus e toda a fé requerida consiste em crer que Jesus é o Cristo. Tudo o que é necessário para a salvação está encerrado, portanto, na união da fé com a obediência. A conclusão de Hobbes sobre isso é: obediência civil. Deve-se obedecer ao soberano ainda que este seja infiel e ordene coisas absurdas. O soberano detém o poder sobre as leis e, de acordo com Hobbes, deve-se obedecê-lo. Fé em Deus e obediência total

⁶⁵ MALMESBURY, 2015, p. 506.

⁶⁶ O argumento de Hobbes é que se Deus cobrasse em atos concretos a piedade e inocência perfeitas, ninguém se salvaria.

⁶⁷ MALMESBURY, 2015, p. 507.

⁶⁸ MALMESBURY, 2015, p. 508.

⁶⁹ HOBBS, 2002, p. 424.

ao soberano civil.⁷⁰ Essa é a conclusão de Hobbes para ser admitido no Reino de Deus.⁷¹

Hobbes é um dos raros estudiosos que ousam falar do Reino das Trevas. Para Hobbes o Reino das Trevas é composto pelos filhos das trevas, pelos demônios, fantasmas e espíritos da ilusão. No final das contas são todos termos sinônimos para o Reino das Trevas de Satanás neste mundo. Basicamente, Satanás tem seu reino nas trevas deste mundo. Hobbes define esse Reino das Trevas como uma “Confederação de enganadores que, para dominar os homens neste mundo presente, esforça-se para extinguir a luz da natureza e do Evangelho que existe neles por meio de doutrinas negras e errôneas e, assim, buscam despreparar os homens para o Reino Vindouro de Deus”.⁷²

Para Hobbes a igreja não está totalmente livre das trevas. A parte mais escura do Reino de Satanás é aquela que está fora da igreja de Deus, entre os que não creem em Jesus.⁷³ Hobbes afirma que o mau comportamento da igreja e a luta pelo poder que gera as guerras civis são evidências de que a igreja ainda está de certa forma em trevas. Satanás aproveitou-se da ignorância natural dos homens e semeou o joio dos erros espirituais. Hobbes aponta quatro causas das trevas espirituais. Primeiramente Satanás apagou a luz das Escrituras, pois não conhecendo as Escrituras erramos. Em segundo lugar, Satanás introduziu na igreja a demonologia dos pagãos e gerou doutrinas fantasiosas. Em terceiro lugar, Satanás introduziu a filosofia pagã e as relíquias da religião, misturando com as Escrituras. Em quarto lugar, a mistura das trevas com as Escrituras gerou uma tradição falsa e incerta da própria história.⁷⁴

⁷⁰ Ironicamente Hobbes afirma que jamais pretendeu colocar sua opinião pessoal, antes, apenas mostrar as consequências derivadas dos textos observados. Ao analisar com cuidado as páginas do Leviatã, é impossível não entender exatamente o contrário.

⁷¹ MALMESBURY, 2015, p. 518.

⁷² HOBBS, 2002, p. 434.

⁷³ MALMESBURY, 2015, p. 522.

⁷⁴ HOBBS, 2002, p. 435.

A causa desses quatro erros mencionados é, conforme Hobbes, o abuso das Escrituras.⁷⁵ Os intérpretes torceram o significado da Escritura para provar que o Reino de Deus é a igreja atual. Hobbes defende que o aspecto atual do Reino de Deus é o Reino da Graça que é apenas a garantia de que todos aqueles que receberam a Cristo já estão aptos a receber o Reino da Glória o qual será estabelecido na segunda vinda de Cristo. A consequência imediata desse pensamento errôneo é que o papa arroga para si o poder Real de Cristo universalmente e os pastores protestantes fazem o mesmo, não dando esse poder a ninguém. Assim, os católicos e protestantes disputam esse poder apaixonadamente⁷⁶ e causam trevas no entendimento dos homens. Se a igreja é o Reino, logo o papa é o Vigário⁷⁷ Geral de Cristo. Essa doutrina obriga os reis seculares a, além de obrigatoriamente ser cristãos, sua coroa só pode ser concedida por um bispo da igreja, do contrário, será um poder ilegítimo.

Do mesmo erro de se confundir a igreja com o Reino de Deus decorrem outras consequências. Os Pastores⁷⁸ da época de Hobbes se referiam a si mesmos como *Clero* e aos demais como *Leigos*. Isso transmite a ideia de que apenas o clero está apto ao serviço ministerial⁷⁹ e que os leigos são apenas pessoas comuns. Ao reivindicar tal posição, o papa, juntamente com o clero, cobrava por todos os lugares um duplo tributo, um para o Estado e outro para o clero. Segundo Hobbes, a décima parte de tributos cobrada pelo clero era uma tirania maior que entre os tiranos pagãos da Grécia antiga. Do mesmo erro⁸⁰ surge também a distinção entre as leis canônicas e leis civis. Em um mesmo domínio

⁷⁵ Hobbes também acusa a igreja de praticar encantamentos, isto é, tipos de feitiços. Ele via encantamentos em doutrinas como a transubstanciação, o batismo com o sinal da cruz, a doutrina do purgatório, confundir a vida eterna com morte sem fim, o exorcismo, a invocação dos santos.

⁷⁶ Com o mesmo sentimento que preenche aqueles que defendem as ideologias em nosso tempo.

⁷⁷ Substituto de Cristo.

⁷⁸ Os líderes das igrejas em geral.

⁷⁹ Semelhante a tribo de Levi no Antigo Testamento.

⁸⁰ O erro de confundir a igreja com o Reino de Deus.

imperam as duas leis. Conforme o poder do papa cresceu, as leis canônicas absorveram e sobrepujaram as leis civis.⁸¹ Muitos cristãos estrangeiros foram perseguidos⁸² e muitos membros do clero desautorizavam as leis civis se isentando de tributos e tribunais do Estado Civil.⁸³ Segundo Hobbes, a igreja ao alegar que era o Reino de Deus na terra procurava apenas os benefícios de governar sobre tudo e todos.⁸⁴ Para Hobbes, a alegação de que a igreja atual é o Reino de Deus na Terra está mais para um Reino das Fadas dos contos da carochinha da Inglaterra.⁸⁵

Por mais original que seja a interpretação de Hobbes, sem dúvidas, seu propósito era político. Basicamente, a hermenêutica literal e forçada de Hobbes é concebida para espoliar a igreja e apoiar o poder do Soberano Civil.⁸⁶ Por mais que Hobbes tente justificar sua posição afirmando que ela é, de certa forma, neutra, é impossível não perceber o interesse pessoal do filósofo. Suas observações sobre o Reino de Deus são imponentes, mas uma boa parte é imbuída de pura retórica. Hobbes muda a hermenêutica de literal para figurativa conforme lhe convém. A despeito de tais dificuldades, as observações e insights de Hobbes sobre o Reino de Deus podem ser analisadas, melhoradas ou reformuladas, mas não descartadas.

Primeiramente, o Reino de Deus segundo Hobbes é dual; natural e profético. Deus governa o universo absolutamente, esse é seu governo natural. O Reino Profético acontece quando Deus escolhe uma nação para reinar especial e pessoalmente.

⁸¹ MALMESBURY, 2015, p. 526.

⁸² Os cristãos estrangeiros eram perseguidos quando se recusavam a reconhecer o papa como seu rei.

⁸³ HOBBS, 2002, p. 438.

⁸⁴ MALMESBURY, 2015, p. 526. Hobbes aponta dentre muitos benefícios de a igreja por meio do papa se intitular Reino de Deus na Terra os seguintes: ser sustentado pelo presbitério, ser infalível, sujeitar os bispos, isenções do clero.

⁸⁵ MALMESBURY, 2015, p. 598. Para Hobbes o Papado é semelhante ao Reino das Fadas, pois as fadas são apenas fantasias da imaginação dos ignorantes e o poder espiritual do papa consiste apenas no medo que as pessoas têm de ser excomungadas ao ouvir falar de falsos milagres, falsas tradições e falsas interpretações das Escrituras.

⁸⁶ HAHN; WIKER, 2018, p. 432.

Para Hobbes, essa nação é Israel. Hobbes força a interpretação literal do Reino de Deus ao afirmar que Deus Reinava sobre Israel por meio de voto. Deus teria sido eleito o Deus de Israel. Isso é puro equívoco. Deus não é democrático a ponto de se colocar como candidato ao governo. Deus governa o universo pelo seu poder absoluto. Israel não era o Reino Civil de Deus, antes, era no máximo o povo de Deus, isto é, o povo do Reino. Por isso, são chamados de Reino Sacerdotal, isto é, um Reino de Sacerdotes. Moisés não era o governante, mas o legislador. Deus governava o povo de Israel, Moisés era apenas o porta-voz.

Hobbes afirma que Deus já reinava sobre Israel e que Deus foi deposto pelo povo em 1 Samuel 8 e 12. Ora, trata-se de forçar a interpretação. Deus não foi deposto de nenhuma forma, basta ler com cuidado o Salmo 2 para perceber que isso é deveras impossível. A partir dessa interpretação literal, não há outra saída senão criar a ideia de que o anúncio do Reino de Deus feito no Novo Testamento trata-se de uma restauração do Reino Terreno e Civil outrora rejeitado. O Reino anunciado por Jesus não é o “Reino perdido” de 1 Samuel, antes, é algo novo e totalmente superior. Daí a necessidade de transformação do corpo. Se fosse um Reino terreno não haveria tal necessidade. Jesus não foi crucificado por ser considerado pelos romanos o Rei dos Judeus. Trata-se apenas de puro deboche por parte dos romanos a fim de afrontar os judeus. Embora o Reino de Deus tenha forte teor político e civil, não é, contudo, nos moldes da hermenêutica de Hobbes.

O Reino que Hobbes afirma perceber no Antigo Testamento não é mais que o Reino da Graça segundo ele mesmo. O Reino da Graça de Hobbes diz respeito àquelas pessoas que por promessa de Deus já tem agora direito ao Reino de Deus vindouro. Hobbes está mais que correto ao afirmar que o Reino de Deus não é de forma alguma a igreja militante. O Reino de Deus é o Reino de Deus, isto é, não é reino de homens nem pode ser estabelecido ou governado por homens. É o Reino de Deus porque será estabelecido e governado pessoalmente por Deus. Com

relação ao Reino das Trevas, Hobbes está, de certa forma, certo ao afirmar que Satanás reina sobre as pessoas do mundo que estão cegas pela ignorância e pela torção das Escrituras feita por indivíduos que têm interesses particulares e buscam benefícios próprios. Por fim, a afirmação de Hobbes de que o poder papal, e qualquer outro poder soberano e ideológico que se afirme ser o Reino de Deus na terra, não passa de um Reino das Fadas, isto é, da pura imaginação. O Reino de Deus não pode ser estabelecido por mãos humanas. A igreja não é o Reino de Deus nem estabelece o Reino ou o faz crescer, a igreja apenas prega e ensina a fim de preparar as pessoas para a segunda vinda de Cristo, ocasião em que o Verdadeiro Reino de Deus será estabelecido.

4. IMMANUEL KANT – O REINO MORAL

Depois da reforma protestante, se iniciou um período de uso exacerbado da razão, que culminou em um movimento moderno denominado Iluminismo. O Iluminismo (1720-1780) foi um movimento marcado pelo uso livre da razão⁸⁷ na construção das ciências e visava eliminar antigos mitos que “dominavam” os indivíduos e a sociedades no passado. O Iluminismo é um tipo otimista de filosofia que acredita em um progresso espiritual, material e político, que pode ocorrer por meio do uso crítico e construtivo da razão.⁸⁸ É, portanto, fé na razão humana.

O Reino de Deus é parte das reflexões filosóficas de Immanuel Kant (1724-1804).⁸⁹ Kant acreditava que o conhecimento não pode apresentar as coisas como são em si e que, por causa disso, é impossível provar a existência ou não de Deus, da imortalidade da alma ou do Reino de Deus. A partir do momento em que Kant separou a razão da fé, passou a refletir sobre a religião e qual seria o seu lugar na existência. Ao falar sobre a ética e a

⁸⁷ McGRATH, 2005, p. 125.

⁸⁸ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: do Humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990, p. 667.

⁸⁹ GONZÁLEZ, 2008, p. 391.

moral, Kant percebe a necessidade da existência de Deus como base dos imperativos categóricos. Kant acredita que a existência de Deus é necessária para que haja base para a moral. Sem uma norma ética absoluta, a moralidade se reduz a mera preferência, e o mundo é uma selva no qual prevalece a lei do mais forte.⁹⁰ Kant, então, não fala do Reino de Deus em si mesmo, antes, o que existe é um Reino Moral, que ele chama de Estado Ético e Reino da Virtude.⁹¹

A filosofia moral de Kant é uma ideia preconcebida que se estabelece e, em seguida tenta apoiar sobre si a religião. O que faltar deverá ser esticado e o que sobrar dela deverá ser cortado fora. Mas, como afirmou Colin Brown: “a religião é forte demais para as filosofias preconcebidas”.⁹² Uma implicação inicial da concepção de Kant é justamente a redução do Reino de Deus ao mero campo da moralidade. O Reino de Deus possui uma dimensão ética e moral, mas não é, nem de longe, apenas isso.

5. SCHLEIERMACHER – O REINO SUBJETIVO

Após o racionalismo excessivo do Iluminismo, surge no cenário histórico Friederich Schleiermacher (1768-1834).⁹³ Schleiermacher é um dos teólogos de maior importância no século XIX. Após estudar a filosofia kantiana e perceber o esgotamento desta e do dogmatismo tradicional da igreja, Schleiermacher procurou apresentar uma alternativa teológica, no qual relacionou o romantismo com a teologia. Ele rejeitou a posição kantiana de que a religião seja meramente moral. Para Schleiermacher, a religião é o sentimento de dependência total da divindade,⁹⁴ é intuição

⁹⁰ SPROUL, R. C. *Filosofia para iniciantes*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 128.

⁹¹ KANT, Immanuel. *A Religião nos limites da Simples Razão*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008, p. 109.

⁹² BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 86.

⁹³ GONZÁLEZ, 2008, p. 574.

⁹⁴ BROWN, 2007, p. 98.

e sentimento do infinito.⁹⁵ Dessa forma, a religião é sentida e intuída pela alma.⁹⁶ O leitor do texto bíblico deve se posicionar no contexto social do autor para compreendê-lo e superá-lo. Cada intérprete poderia superar a interpretação ao assumir esse posicionamento hermenêutico. Assim, a interpretação passa a ser subjetiva e infinita.⁹⁷ O Reino de Deus em Schleiermacher é apenas relacional.⁹⁸ O indivíduo tem contato com o Reino de Deus à medida que desenvolve o senso de dependência dele.⁹⁹ Schleiermacher critica duramente os eruditos de sua época e os culpa por se tornarem obstáculo ao desenvolvimento da religião verdadeira.¹⁰⁰ A contribuição de Schleiermacher é inegável, para o bem ou para o mal. Schleiermacher ao fazer uso do romantismo para reclassificar a religião, tendo em mente o excessivo racionalismo dos eruditos de sua época, acaba dando origem a um aspecto subjetivo da religião e, negando um domínio real de Cristo,¹⁰¹ reduz o Reino de Deus ao mero sentimento de dependência de Deus. Dizer que o Reino de Deus está interiormente¹⁰² no indivíduo e que, portanto, pode ser sentido pela alma, é uma verdade bíblica, porém, mais uma vez, o Reino de Deus não é apenas isso.

6. HEGEL – A DIALÉTICA DO REINO

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), em sua filosofia, se opôs a Schleiermacher, aos românticos em geral e a Kant. Hegel acreditava que a religião e o absoluto podem ser entendidos de maneira racional. Para Hegel, a filosofia e a teologia têm

⁹⁵ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 31.

⁹⁶ HAGGLUND, 2013, p. 281.

⁹⁷ McDERMOTT, Gerald R. *Grandes teólogos: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 153.

⁹⁸ HAGGLUND, 2013, p. 285. O homem só se relaciona com Cristo em sua vida interior e na comunhão da igreja.

⁹⁹ SCHLEIERMACHER, Friedrich D. F. *Sobre a Religião*. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 34.

¹⁰⁰ SCHLEIERMACHER, 2000, p. 84.

¹⁰¹ HAGGLUND, 2013, p. 285.

¹⁰² Lucas 17.21

o mesmo objeto de estudo, o absoluto.¹⁰³ Em sua famosa dialética, baseada no desenvolvimento histórico¹⁰⁴ da filosofia,¹⁰⁵ Hegel observou o Reino de Deus da seguinte forma: Reino do Pai (Deus em sua eternidade), Reino do Filho (Deus encarnado revela a finitude no filho) e Reino do Espírito (Deus regressa a si mesmo em unidade com a congregação da fé).¹⁰⁶ Mas o reino de Hegel não é o Reino de Deus bíblico, nem o Deus de Hegel é o Deus da bíblia. Hegel apenas se apropria dos dogmas do cristianismo,¹⁰⁷ empregando os termos em sua filosofia e dialética.

Assim, a Encarnação, o Reino do Espírito e a Trindade¹⁰⁸ expressam o conceito de Espírito que se aliena para se autopossuir e que mantém a igualdade de si consigo, operando a síntese suprema.¹⁰⁹ O termo “reino” para Hegel é empregado ao se tratar da natureza, do Espírito (absoluto) e do reino humano.¹¹⁰ Logo, o reino de Hegel não é uma referência ao Reino de Deus. O próprio Hegel afirma: “temos dois reinos em nossa consciência universal, o reino da Natureza e o reino do Espírito”.¹¹¹ Hegel também afirma que “pode-se ter todo tipo de ideias a respeito do Reino de Deus, mas sempre haverá um reino do Espírito para ser claramente compreendido e realizado no homem”.¹¹² Desta sentença de Hegel é possível inferir que o Reino do Espírito absoluto não é o mesmo Reino de Deus e que, este parece fazer parte daquele, inferior, em certo grau.

¹⁰³ GONZÁLEZ, 2008, p. 326.

¹⁰⁴ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 80.

¹⁰⁵ SPROUL, 2002, p. 132.

¹⁰⁶ GONZÁLEZ, 2008, p. 326.

¹⁰⁷ Principalmente do dogma da Trindade para exemplificar a tríade dialética: tese, antítese e síntese.

¹⁰⁸ HAGGLUND, 2013, p. 286.

¹⁰⁹ REALE, 1991, p. 125.

¹¹⁰ Hegel também menciona o reino dos sons.

¹¹¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Razão na História**: uma introdução geral à Filosofia da História. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 61.

¹¹² HEGEL, 2001, p. 61.

7. RITSCHL – O REINO INDIVIDUALISTA

Após Hegel, surge um pensamento distinto acerca do Reino de Deus e da teologia com Albrecht Ritschl (1822-1889).¹¹³ Ritschl junto com Schleiermacher foi um dos principais pensadores da teologia protestante do século XIX. Suas obras refletem uma reconceitualização da fé cristã à luz de um método historicista que aproxima a religião da filosofia, frente aos desafios éticos de sua época. As obras de Ritschl trazem uma novidade para sua época. Segundo Ritschl, a fé cristã estaria centrada na revelação de Deus em Jesus Cristo, cuja vida e pregação se concentram na vontade de Deus de estabelecer seu Reino. O Reino de Deus é, portanto, um tema central na teologia ritschliana.

Ritschl também contribuiu para o desenvolvimento do método de correlação na teologia, e enfatizou a centralidade do Reino de Deus para a teologia cristã, incluindo no Reino as dimensões religiosas e éticas.¹¹⁴ Ritschl, assim, concebeu o Reino de Deus em termos éticos, imaginando-o como a organização da humanidade redimida, cujas ações são inspiradas pelo amor.¹¹⁵ Isso deu origem a uma interpretação do Reino de Deus como individualista, espiritual e não mais escatológico, pois situa o Reino de Deus na experiência do coração da pessoa.¹¹⁶ Para Ritschl, a pessoa é “cristã” quando procura estabelecer o Reino de Deus na terra de modo relevante, razoável e prático.¹¹⁷ As obras de Ritschl também deram origem ao movimento do Evangelho Social. Esse movimento deu ênfase ao Reino de Deus interpretado à luz da realidade social da época. O Evangelho Social defende uma ordem social baseada no amor e na solidariedade.

¹¹³ GONZÁLEZ, 2008, p. 557.

¹¹⁴ HAGGLUND, 2013, p. 298.

¹¹⁵ HAGGLUND, 2013, p. 298.

¹¹⁶ CARAGOUNIS, in REID, 2012, p. 1065.

¹¹⁷ OLSON, 2001, p. 588.

8. HARNACK – O REINO INTERIOR

Adolf Von Harnack (1851-1930)¹¹⁸ é considerado o “príncipe dos historiadores eclesiásticos” por seus grandes sucessos na área da patrística. Sua vocação como teólogo e historiador surgiu em torno de seu desejo ardente em definir a essência do cristianismo. Para Harnack, a essência do cristianismo se encontra nos ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus e sua vinda, a paternidade de Deus, a fraternidade universal, o infinito valor da alma e o mandamento do amor.

A essência do cristianismo, segundo Harnack era dividida em três grandes ideias¹¹⁹ apresentadas por Jesus, dentre elas, o Reino de Deus e a sua vinda seriam um princípio básico. De acordo com Harnack, o Reino de Deus não tem relação alguma com os eventos sobrenaturais do futuro, antes, é apenas o “governo de Deus no coração dos indivíduos”.¹²⁰ Isso significa que, para Harnack, o Reino de Deus é algo subjetivo, uma realidade presente no coração do homem.¹²¹

9. RAUSCHENBUSCH – O REINO SOCIAL

Outro teólogo liberal influenciado pelo pensamento ritschliano é Walter Rauschenbusch (1861-1918).¹²² É considerado o grande inspirador do movimento conhecido como Evangelho Social. Esse movimento buscou relacionar o conteúdo da fé pessoal com os desafios da justiça e a transformação social a partir do núcleo bíblico, teológico e ético do Reino de Deus. Em 1891, Rauschenbusch começou a produzir sua teologia a partir do Reino de Deus como noção central e abarcadora da fé pessoal e a transformação social. Dentre os quatro elementos que caracteri-

¹¹⁸ GONZÁLEZ, 2008, p. 322.

¹¹⁹ HARNACK aponta além do Reino de Deus, também a paternidade de Deus e o mandamento do amor. Cf. OLSON, 2001, p. 590.

¹²⁰ OLSON, 2001, p. 590.

¹²¹ HAGGLUND, 2013, p. 309.

¹²² GONZÁLEZ, 2008, p. 549.

zam o pensamento de Rauschenbusch, dois merecem destaque aqui: a influência da teologia liberal expressa em suas noções sobre Jesus e o Reino de Deus; uma compreensão da realidade socioeconômica de sua época a partir de noções marxistas.¹²³

Roger Olson reforça essa influência marxista no pensamento de Rauschenbusch. Segundo Olson, em Rauschenbusch, o cristianismo é reduzido a meras declarações religiosas simples e a um programa político e econômico socialista.¹²⁴ Olson ainda declara que a teologia liberal tem raízes em Hegel e Schleiermacher e que as teologias derivadas de Kant e Ritschl são “teologias políticas”.¹²⁵ Richard A. Horsley também aponta Rauschenbusch como um dos mais importantes representantes do Movimento do Evangelho Social que, segundo Horsley, acreditava que o Reino de Deus proclamado por Jesus podia perfeitamente inspirar uma transformação das instituições americanas.¹²⁶

Bruce J. Malina também reconhece Rauschenbusch como uma figura importante ligada ao Movimento do Evangelho Social. Segundo Malina, Rauschenbusch era devotado a colocar em ordem as forças do cristianismo americano no serviço do evangelho social, com uma visão para melhorar o destino do pobre.¹²⁷ O Reino de Deus em Rauschenbusch é reduzido a um projeto político socialista. Esta, entre outras, é uma forma inadequada de interpretar o Reino de Deus, pois é reducionista e não corresponde à totalidade do Reino de Deus. Por mais que a palavra “Reino” descreva uma instituição política,¹²⁸ interpretá-la por meio de uma ideologia será um erro em qualquer época.

¹²³ GONZÁLEZ, 2008, p. 550.

¹²⁴ OLSON, 2001, p. 592.

¹²⁵ OLSON, 2001, p. 592.

¹²⁶ HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império: o Reino de Deus e a nova desordem mundial*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8.

¹²⁷ MALINA, Bruce J. *O Evangelho Social de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004, p. 9.

¹²⁸ MALINA, 2004, p. 11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maquiavel, a partir de uma ideia negativa do cristianismo (não sem fundamento), afirma que o Príncipe, o Soberano, não pode se firmar em Reinos e Repúblicas imaginárias, do contrário, fracassará. O realismo de Maquiavel, imbuído de um preconceito gritante, não permitiu que percebesse a realidade concreta que é o Reino de Deus. Jesus anunciou a chegada do Reino de Deus, que está longe de ser um Reino Imaginário ou utópico, e este Reino chegou de forma especial, como diria Hobbes. Os cristãos e o cristianismo em si formam o Povo do Reino. Cada indivíduo convertido torna-se efetivamente livre em Cristo ao mesmo tempo que é recondicionado a viver em sociedade de forma objetiva. Por mais que o Reino de Deus ainda não tenha chegado em sua Majestade e Glória, o povo do Reino de Deus já está efetivamente em nosso meio.

Os cristãos constituem o povo do Reino de Deus, os cidadãos da Pátria Celestial que herdarão o Novo Céu e a Nova Terra. Novamente citando Hobbes, o Reino de Deus não é uma metáfora, é um Reino Real. Maquiavel sugere que os Reinos Imaginários não podem subsistir na realidade concreta. O cristianismo é a unidade orgânica do Reino de Deus. Ao longo da história tentaram destruir e suprimir o cristianismo de todas as formas, desde torturas, mortes a formas mais sutis, como minar as doutrinas com meias verdades, a fim de causar divisões no cristianismo. Mas o cristianismo, como Povo do Reino de Deus, permanece e cresce cada vez mais, pois o Reino de Deus que é formado pelo seu Povo, não pode ser destruído, pois foi estabelecido por Deus. Tantos Reinos e impérios caíram, mas o povo do Reino de Deus continua firme e forte.

René Descartes demonstra uma fé excepcional, não em Cristo, mas na ciência. Segundo Descartes, a ciência dá ao homem o poder de dominar as leis da natureza. Ao dominar essas leis o homem pode criar tecnologias e conveniências a fim de “consertar”

e “reverter” os males da maldição proclamada por Deus no Éden. De acordo com Descartes, a ciência seria capaz de superar os sofrimentos, males, doenças e até a morte. Descartes não era leigo, ela sabia muito bem que esses males, incluindo a morte, serão todos revertidos, não pela ciência, mas pelo estabelecimento do Reino de Deus. Este concretamente estabelecido eliminará todas as formas de sofrimento e a própria morte. Como diz Olavo de Carvalho: “é sempre a Árvore da ciência que leva o homem a perder a Árvore da Vida”.¹²⁹ Descartes, seguindo a linha de outros “pensadores”, apenas apresenta sua concepção de um Reino de Deus secularizado. A fé na ciência não passa de embuste.

Thomas Hobbes é outro filósofo que, tendo um pressuposto de que a igreja de seu tempo é a causadora da guerra civil, parte para a criação de um esquema racional que seria a solução para os problemas de sua época. Embora Hobbes afirme apresentar no Leviatã apenas as consequências derivadas dos princípios bíblicos e racionais, é impossível o leitor atento não perceber a ideologia hobbesiana presente. Hobbes força os textos de acordo com seus propósitos. Afirma que o Reino de Deus é um Reino Civil na Terra. Embora muitos insights originais sobre o Reino mereçam atenção, a contribuição de Hobbes é limitada pelos pressupostos particulares do filósofo. O Reino de Deus nunca foi um Reino Civil. No pentateuco não há um Reino de Deus instituído nos moldes apresentados por Hobbes. O que há no pentateuco é o povo de Deus sendo governado por Deus por meio da lei mosaica. Graeme Goldsworthy apontou recentemente a estrutura do Reino de Deus como sendo o povo de Deus, no lugar de Deus sob o governo de Deus. Esse tripé aparece sempre no Reino de Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento.¹³⁰ O Reino de Deus para Hobbes é mais um Reino

¹²⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão, em 38 estratégias**: dialética erística; tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho; introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho. Campinas: Auster, 2019, p. 183.

¹³⁰ GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016, p. 54.

dos Homens, puramente secular, no qual Deus não é o Soberano.

Hobbes faz uma boa argumentação sobre a diferença do Reino Absoluto de Deus sobre o universo e sobre seu governo especial sobre um povo escolhido. Deus Reina absolutamente sobre todo o universo por meio de seu poder, contudo, reinam pessoalmente os indivíduos, a igreja, enfim, seu povo em geral. Hobbes afirmou que o anúncio do Reino de Deus por Cristo dizia respeito a restauração do Reino Civil de Israel. Isso é pura falácia. Não há nenhuma evidência bíblica sobre uma restauração do Reino de Deus. Pelo contrário. Quando perguntado sobre uma restauração do Reino, Jesus respondeu que, não convinha saber os tempos e/ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu poder.¹³¹ O Reino de Deus plenamente estabelecido é algo inédito e incomparável na própria Escritura. Por isso, João fala do Reino como “Novo Céu e Nova Terra”. A Bíblia começa com a Glória do Éden e termina com a Glória do Novo Céu e Nova Terra.

144

Hobbes comete outro erro ao afirmar que Deus teria sido eleito pelo povo por meio de uma promessa de obediência. Essa promessa teria sido quebrada em 1 Samuel 8 e 12 e Deus fora deposto pelo povo. Isso é assaz absurdo. Visto que Deus governa todo o universo e detém todo o poder, logo, quem seria capaz de “depor” Deus do seu trono? Quem seria capaz de lhe privar do Governo? Uma rápida leitura do Salmo 2 põe abaixo esse absurdo. Deus governa absolutamente e nada pode abalar seu Governo.¹³² Deus não está sujeito a “eleição”. Queiram os sábios ou não, Deus é Deus e Reina absolutamente. Hobbes tem seus pontos positivos, isso é inegável. Sua argumentação sobre a necessidade do batismo e as evidências de que a igreja papal não era, nem de longe, o Reino de Deus na terra é bem esclarecedora.

A afirmação de Hobbes de que Jesus é Rei como um “Vice Regente” pode ser considerada parcialmente. Jesus Governa o Reino de Deus até a consumação desta era. Logo após vencer a morte,

¹³¹ Atos 1.7.

¹³² ROJAHN, Evandro R. O Reino de Deus e a Missão da Igreja. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 159.

o inferno e toda a oposição a Deus, Jesus entregará o Reino ao Pai, pois o Reino sempre é o Reino de Deus, isto é, de Deus Pai. Hobbes outra vez se distancia da Escritura ao afirmar que o indivíduo, para ser admitido no Reino de Deus, deve demonstrar Fé em Deus e obediência total ao Soberano Civil, que segundo Hobbes, possui poder absoluto. O raio iluminista desponta em Hobbes quando ele fala do Reino das Trevas. O Reino das Trevas consiste basicamente no sincretismo da igreja com a filosofia pagã, das crenças e demonologia pagã, mas principalmente, está presente naqueles que interpretam a bíblia de forma alegórica. Tendenciosamente, Hobbes aponta novamente o Soberano Civil como o único indivíduo imbuído de autoridade divina para resolver os conflitos, envolvendo a interpretação das Escrituras. Esse é outro pensamento insano de Hobbes. Como bem escreveu G. K. Chesterton: “o que cria a insanidade é exatamente a razão”.¹³³

Immanuel Kant criou um esquema racional e tentou encaixar Deus e a religião nesse esquema. O resultado, como já esperado, não pode ser outro, o Reino de Deus será de uma forma ou de outra reduzido ou suprimido inteiro ou parcialmente. No caso de Kant, Deus não pode ser alcançado pela “simples razão”, mas não pode ser simplesmente ignorado. Qual é a “área” que sobra para Deus? Deus e a religião são necessários para se criar uma ordem moral que é, por sua vez, essencial para a manutenção de um Estado. Disso resulta um Reino Moral. O Reino de Deus passa a ser apenas o abarcador de uma ordem moral necessária. Sabe-se que o Reino de Deus exige moralidade, não como pressuposto de admissão, antes, a ética é imposta àqueles que já nasceram de novo e se tornaram cidadãos do Reino de Deus. O relativismo¹³⁴ moral que põe o homem como aferidor principal do certo e do errado, levou diversas civilizações ao fracasso e à anarquia. Apenas os cidadãos do Reino de Deus

¹³³ CHESTERTON. Ortodoxia. Tradução de Francisco Nunes. Jandira: Principis, 2019, p. 18.

¹³⁴ Essa filosofia tem origem em Protágoras. Segundo ele “o homem é a medida de todas as coisas”.

possuem uma moral estável, pois é embasada nas Escrituras e, portanto, imutável.

Friederich Schleiermacher na tentativa de reagir a filosofia do seu tempo, o Iluminismo, acabou dando origem a um tipo de Reino Individualista, interior e, portanto, subjetivo. A religião e o Reino de Deus passam a ser intuídos pela alma. E, assim, o Glorioso Reino de Deus é esvaziado da escatologia, do âmbito moral e temporal e passa a ser um “sentimento” interior de dependência de Deus. Talvez Friederich Schleiermacher não tivesse pensado nas consequências de seu raciocínio que, quando aplicado na interpretação da bíblia dá origem ao Liberalismo Teológico. Uma interpretação puramente pessoal, interior e relacional da Escritura. Uma interpretação conforme o núcleo do próprio liberalismo, baseada na autonomia humana, cujas consequências perniciosas serão evidentes no século XX, principalmente.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel se apropria de alguns conceitos bíblicos para enfeitar sua dialética. O Reino de Deus de Hegel não é, nem de longe, o Reino de Deus das Escrituras. O mesmo se aplica ao Deus de Hegel. Hegel fala de um Reino do Pai, de um Reino do Filho e outro do Espírito Santo. Para os leitores da bíblia esse tipo de apropriação é um absurdo. Tirar um conceito de seu contexto com o propósito de enfeitar uma filosofia não resultará em uma teologia saudável de forma alguma. Infelizmente a partir da Reforma Protestante muitos filósofos, cientistas, entre outras, pensaram que todos os indivíduos poderiam interpretar as Escrituras. Uma coisa é dar a Bíblia ao povo para que todos possam ler e meditar nas Escrituras, outra coisa é afirmar que todos, sem exceção, podem interpretar as Escrituras por conta própria. A primeira regra básica para uma hermenêutica cautelosa é saber que o homem natural não entende as coisas de Deus porque elas se discernem espiritualmente.¹³⁵ O fato de ser um filósofo, ter um raciocínio maior e melhor que a

¹³⁵ 2 Coríntios 2.14

maioria dos indivíduos, não habilita o indivíduo a interpretar as coisas de Deus. Daí o problema resultante de fundir as coisas de Escrituras Sagradas com a Filosofia secular e humana.

Albrecht Ritschl e Adolf Von Harnack seguem a linha teológica de Schleiermacher, dando ênfase ao aspecto subjetivo do Reino. O indivíduo colabora para o estabelecimento do Reino de Deus sendo cristão, ético e religioso em si mesmo. Novamente essa concepção de Reino de Deus no coração não faz sentido algum. O cidadão do Reino de Deus é obrigatoriamente alguém regenerado, contudo, o Reino de Deus não se encerra no interior do cristão. O Reino de Deus é uma realidade presente e futura, e transcende completamente o coração do indivíduo até encher toda a terra.¹³⁶ O pensamento de Albrecht Ritschl contribuiu para o surgimento do Movimento do Evangelho Social. Esse movimento tentou fundir o cristianismo com a ideologia marxista. Novamente, é evidente que o resultado não será bom. Walter Rauschenbusch é um dos inspiradores desse movimento.

A característica distintiva da concepção de Reino de Deus em Walter Rauschenbusch é seu aspecto social. O Reino deixa de ser “no coração” do indivíduo e passa a fazer parte do programa social e econômico do socialismo. Embora Olson afirme que essas concepções de teologia são em si políticas, elas estão mais para teologias politizadas, isto é, não há uma teoria política cristã de verdade, há apenas alguns indivíduos que colocaram a teologia a serviço de Karl Marx. Talvez estivessem entusiasmados com a “ideia revolucionária” da descoberta da existência de pobres e trabalhadores. Sem dúvida uma descoberta tardia. Se de fato lessem as escrituras, não precisariam de Marx para saber que o mundo é composto de pobres e ricos.¹³⁷ O Reino de Deus certamente tem um aspecto social, provavelmente o maior já visto. A própria ressocialização dos marginalizados, os deveres dos cristãos ricos para com os cristãos mais pobres, a própria

¹³⁶ Daniel 2.35,44.

¹³⁷ Provérbios 22.2; Mateus 26.11.

ideia de não se fazer acepção de pessoas. É aqui que se percebe a diferença entre os cristãos, Cidadãos do Reino de Deus e aqueles que são adeptos de ideologias e empregam meias verdades retiradas de contexto das Escrituras para lhes servir de aparente justificativa ideológica. Como bem escreve Comenius em sua “Didática Magna”, citando Hipério; “o verdadeiro teólogo nasce nas Escrituras”.¹³⁸ Esse vício ideológico será muito frequente no século XX, bem como o liberalismo teológico. Sendo assim, as consequências desses vícios estão sendo colhidas no século XXI.

REFERÊNCIAS

BROWN, Colin. **Filosofia e fé cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CHESTERTON. **Ortodoxia**. Tradução de Francisco Nunes. Jandira: Principis, 2019.

COMENIUS. **Didática Magna**. Aparelho crítico Marta Fatori; tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do método**: coleção pensadores. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008.

HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013.

¹³⁸ COMENIUS. *Didática Magna*. Aparelho crítico Marta Fatori; tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 278.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. **Política da Bíblia**: as raízes do método histórico-crítico e a secularização da Escritura (1300-1700). Tradução de Giovanna Louise. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história**: uma introdução geral à Filosofia da História. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império**: o Reino de Deus e a nova desordem mundial. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

KANT, Immanuel. **A Religião nos limites da Simples Razão**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MALINA, Bruce J. **O evangelho social de Jesus**: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

MALMESBURY, Thomas Hobbes de. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2015.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

McDERMOTT, Gerald R. **Grandes teólogos**: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2013.

McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990.

REID, Daniel G. (Edit.) **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. D. F. **Sobre a Religião**. São Paulo: Novo Século, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão, em 38 estratégias**: dialética erística. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho; introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho. Campinas: Auster, 2019.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional